

CAPÍTULO 8

Ser/estar na relação com o outro: caminhos para a formação

Tamiris Machado Gonçalves

<https://doi.org/10.69570/mp.978-65-84548-31-2.c8>

1. PALAVRAS INICIAIS

A partir de uma escrita (auto)biográfica (NÓVOA, 1995; 2010; GOMES, 2012), que se relaciona a um olhar histórico-social advindo das ideias do Círculo de Bakhtin, este capítulo compartilha minha experiência pessoal, sobretudo da pós-graduação *stricto sensu*, como cenário para refletir sobre possibilidades de vivenciar a educação superior, do ponto de vista do aluno. Essa proposta visa a constituir uma oportunidade de reflexão sobre processos de formação acadêmica, especificamente pensando na formação de professores.

Medeiros e Aguiar (2018) explicam que o método (auto)biográfico e de histórias de vida se destacam entre 1920 e 1930 como uma alternativa para as Humanidades, em que é percebida a necessidade de integrar o sujeito às pesquisas, dando a possibilidade de analisá-lo com um método de amparo científico, que o entenda em sua subjetividade. Gomes (2012) argumenta que essa modalidade de escrita compõe um aspecto autonarrativo, portanto, autorreferencial, que abarca uma sucessão de tempo capaz de mostrar aspectos da vida.

Essa perspectiva pode ser colocada em diálogo com autores como Bakhtin (2010), Volóchinov (2019; 2017) e Medviédev (2012), que criticaram os métodos que excluíram o sujeito da ciência e reivindicaram uma perspectiva sócio-histórica de análise que compreende interlocutores e circunstâncias de interação, focalizando a vida para abarcar o sujeito como produtor de sentidos em diversos campos de atuação humana. Conforme Amorim (2014, p. 98), “As Ciências Humanas são entendidas por Bakhtin

como ciências do texto, pois o que há de fundamentalmente humano no homem é o fato de ser um sujeito falante, produtor de textos”, daí a necessidade de métodos científicos que o compreendam em suas especificidades.

2. CADA PONTO DE VISTA É APENAS UMA PERSPECTIVA: A RELAÇÃO AMPLIA A VISÃO

Embora o ensino superior esteja em crise desde os anos 80, em razão de questões de estrutura, de orçamento; de instabilidades políticas (DELORS, 2001), de perspectivas sobre a “utilidade” do conhecimento, devido a modelos políticos que fomentam a mercadorização do ensino (AZEVEDO, 2015), é necessário insistir que a educação é oportunidade. Nesses termos, é preciso lutar para que haja universalização de seu acesso, sobretudo nas camadas mais populares, uma vez que “A educação superior é o que mais promove mobilidade social no nosso país. Quem tem graduação ganha 2,5 vezes, em média, mais do que quem não é graduado”¹¹. Nesse cenário, a pós-graduação contribui para a especificação profissional, viabilizando mais caminhos para fortalecer o repertório de qualificação, de modo a ampliar as oportunidades.

A educação no ensino superior pode ser caminho para a complexidade do ser humano, porque historicamente é espaço de interlocução, de ensino, aprendizagem; é possibilidade de construção e socialização do conhecimento teórico e metodológico porque viabiliza o encontro com o outro: outros sujeitos, outros objetos, outros discursos, outros campos de atuação. Assim, circunscrita histórico-socialmente, a universidade tem papel importante na formação pessoal e intelectual, na preparação para o mercado de trabalho, viabilizando a promoção de equidade de oportunidades, contribuindo para o desenvolvimento humano, para os avanços sociais e econômicos de um país.

Quando eu passei no vestibular para Letras Português/Espanhol, foi um orgulho para a minha família, que não teve antes de mim nenhuma experiência com contexto de educação superior. Tudo era novidade. Eu tinha 20 anos, trabalhava e estudava – era

¹¹ Presidente da Capes, ao apresentar o relatório de gestão 2023 no IV Comunica Ciência: Encontro de Pesquisadores e Comunicadores, na Universidade Federal de Uberlândia. Disponível em: <https://comunica.ufu.br/noticias/2024/04/capes-e-responsavel-por-75-das-bolsas-de-pos-graduacao-do-pais>. Acesso em: 25 abr. 2024.

difícil. Mais difícil ainda era acompanhar as aulas, não tanto pelo cansaço físico de quem vai do trabalho para a universidade, mas por conta da complexidade do conteúdo ministrado no curso de licenciatura.

Na graduação eu descobri que a pós-graduação existia. Naquele contexto, eu descobri que existiam diferentes tipos de pós-graduação e que, mesmo em algumas instituições privadas, era possível cursar mestrado e doutorado frente à possibilidade de bolsas. Assim, prestei o processo seletivo para o mestrado. No primeiro ano, eu não entrei, então fiz uma especialização *latu sensu* em Ensino da Gramática de Língua Portuguesa. Hoje eu considero que isso me ajudou a amadurecer e me preparar mais para o mestrado, pois era uma experiência a mais no caminho de pesquisa e um tempo a mais para estudar, compreender e digerir a abstração teórica. Na segunda tentativa objetive a aprovação no Mestrado em Letras, sendo contemplada com uma bolsa de pesquisa CNPq.

O cenário da pós-graduação foi de muitos encontros e de muitas descobertas até desaguar em uma nova seleção: a do Doutorado em Letras. Outra vez tive a oportunidade de ser contemplada com uma bolsa CNPq. Em todo esse contexto, muitas foram as tensões, as interações e as formas de diálogo advindas da oportunidade de dedicação às vivências da pós-graduação. Tudo me constitui como pessoa, como profissional, como pesquisadora.

Tanto no mestrado quanto no doutorado mantive a cultura da pergunta e da proximidade com os professores, bem como de interação com os colegas de curso, sempre queria saber das possibilidades de projetos e das possibilidades de exercer a docência. Assim, durante a pós-graduação eu pude exercer meu lado pesquisadora, ao participar de grupos de estudo, de pesquisa e de discussão; e, ao mesmo tempo, continuar dando lugar à docência: voluntariava-me para dar oficinas de temas relacionados à minha pesquisa, ao universo acadêmico; disponibilizava-me para ministrar palestras ou cursos.

Participava de grupos de estudo; fiz estágios docência em turmas da graduação. Envolvia-me com a revisão e editoração de uma das revistas do Programa em que eu estudava; fui representante discente e trabalhei na organização de eventos. Tudo isso eu devo à possibilidade de ter bolsa integral, tendo a chance de vivenciar a instituição,

passando horas do meu dia nesse ambiente. Assim, dividia meu tempo entre a pesquisa e as atividades de ensino e extensão nas quais eu participava.

Especificamente durante o doutorado, eu descobri a possibilidade de fazer uma parte do curso em outra instituição, nacional ou internacional, o chamado *doutorado sanduíche*. Conversa vai, conversa vem – coletando informações, pedindo opinião para os professores, perguntando nas secretarias; pesquisando na internet –, escolhi uma instituição espanhola para prestar processo seletivo para participar de uma estância em uma universidade da Espanha. A seleção para o período de doutorado-sanduíche foi um processo longo e complexo, mas valeu cada esforço. A modalidade escolhida dava bolsa de estudos para custear três meses na cidade destino, mais passagens de ida e volta, mais seguro saúde. Assim foi: fui à Espanha. Com uma vida austera, a bolsa foi suficiente para meus custos de moradia, alimentação, seguro saúde, matrícula na universidade e cursos extras.

Os caminhos pelos quais passei no período de formação da graduação à pós-graduação me levam a focalizar uma e outra vez a palavra *oportunidade*. Estudar é um privilégio, infelizmente ainda para poucos! Estudar quando se vem de um contexto precário é possibilidade de criar acessos. Estudar com auxílio de políticas públicas de permanência é ensejo para consolidar a formação porque, além do suporte financeiro, ter bolsa viabiliza oportunidades adicionais – porque permite que haja disponibilidade para fazer estágios, ir a programas de estudo, participar em eventos.

Tudo isso enriquece a experiência de formação, gera interlocução entre profissionais e possibilita diferentes perspectivas. Essa combinação é contexto para “[...] combater a desigualdade e assegurar a apropriação do conhecimento, pois o que singulariza o ser humano e social é sua pluralidade, e o que favorece superar a particularidade é o conhecimento universal (KRAMER, 2012, s/p, e-book).

3. INTERAÇÃO EU/OUTRO: CONSTITUIR-SE NA RELAÇÃO

A oportunidade de realizar parte dos meus estudos de doutoramento em uma instituição estrangeira foi uma grande experiência de alteridade, tanto no sentido acadêmico-profissional quanto pessoal-cultural. Começarei pelo primeiro.

O estágio na Espanha oportunizou o aprimoramento de minha tese em desenvolvimento naquela época, tanto em termos teóricos quanto metodológicos, em razão de que o professor orientador que me recebeu trabalhava diretamente com o meu tema de pesquisa. Esse penso que é um dos pontos fundamentais: escolher muito bem a instituição e um professor que possa contribuir como o *outro*, no sentido bakhtiniano de ser aquele que pode nos dar o que não temos, que pode contribuir com perspectivas, que pode brindar a relação com pontos de vista diferentes, complementários, que pode, como o próprio Bakhtin (2011, p. 23) diz: oferecer o excedente de visão, pois os horizontes vivenciados por duas pessoas não coincidem, “[...] em função da infinita diversidade de situações da vida”, que atravessa cada uma dessas pessoas, e porque cada uma delas ocupa um lugar no mundo e desse lugar vê coisas que o outro não vê – e vice-versa. Assim, sempre estamos em constante aprendizagem uns com os outros.

Essa relação de alteridade é profunda porque as dinâmicas de interação são afetadas também pela cultura. Mesmo que se esteja em um universo acadêmico, em que há procedimentos relativamente estáveis em relação aos modos de ser professor, aluno e pesquisador, os protocolos de convivência na universidade são diferentes já que são próprios daquele lugar e se dão no interior daquelas trocas. Somado a isso está o desafio de pensar e agir em outro idioma, passando pelas considerações mais simples que envolvem assistir a uma aula, ler, estudar, chegando às mais complexas, como apresentar trabalhos, ministrar aulas, atender alunos e ter discussões teóricas com elevado nível de abstração com o orientador, por exemplo.

Todo esse universo de tensionamento nos fortalece. Todo esse contexto faz com que conheçamos uma versão de nós mesmos não sabida, de modo que saímos outros em relação a como chegamos ao início dessa caminhada. Assim, a experiência de formação é ampla e complexa, faz-nos conhecer o mundo e a nós mesmos.

No meu caso, o contato com outra cultura, o vivenciar de um sistema educativo diferente e o convívio com docentes hispanofalantes foi um diferencial em minha formação como professora-pesquisadora e como pessoa. Não bastasse a grandiosidade da oportunidade em si que se apresentava para mim, tive a oportunidade de coincidir com um orientador excelente, um exemplo de profissional, o que fez com que eu

pudesse voltar com considerações muito humanas em relação à profissão docente e ao cenário da pesquisa e da pós-graduação como um todo.

4. EDUCAÇÃO: OPORTUNIDADE COMO ABERTURA DE POSSIBILIDADES

Para escrever este texto, foi preciso reviver, deixar-se tomar pelas memórias, processo que me fez reafirmar a gratidão que tenho para com a vida. Pensei em todas as pessoas que passaram por mim, que me ajudaram, que de alguma maneira foram partícipes de minhas conquistas e das oportunidades que se apresentaram no meu caminho. Houve muito esforço, houve estudo, houve também muitas mãos dadas, muito apoio, porque eu considero que cada informação é um degrau que subimos com a ajuda de alguém.

Essa trajetória que conto é o recorte interessante e motivador da minha caminhada, mas é claro que houve também muito tensionamento e contraste. Houve questionamentos sobre estar no lugar certo, houve sentimentos de inferioridade, houve sensação de inadequação e de não pertencimento. São momentos em que nos toma a fragilidade, a insegurança e muitas vezes a autossabotagem, mas é preciso resistir. É preciso, como inspira Arendt (2011), ver oportunidade na crise e ter os momentos de dificuldade e conflito como uma possibilidade de pensar o próprio processo educativo de constituir-se ser no mundo, passível de transformar-se a si e ao próprio mundo pela ação.

É preciso acreditar que a mudança acontece primeiro pela gente e que tudo serve para nos tornar mais fortes. É preciso, além disso, olhar para nós mesmos com os mesmos olhos acolhedores que dispendemos aos demais. É preciso crer que as palavras de carinho que recebemos nesses momentos de desilusão vêm para nos ajudar a perceber que todos temos as nossas lutas, nossos altos e baixos. Entender as próprias fragilidades, identificar os espinhos, as tortuosidades e os passos em falso é o começo da análise que permitirá pontuar o que não está bom, traçar um plano, detalhar as ações e recomeçar.

Nesta escrita, pude uma vez mais pensar em todas as oportunidades de bolsa e o que isso significou na profissional que sou hoje, no sentido de que me permitiu

dedicação e tempo para estudar, fomentando olhar verticalizado em relação aos meus objetos de estudo. No caso das bolsas brasileiras do tipo CNPq, CAPES, essa reflexão é imprescindível porque elas são pagas com dinheiro dos impostos brasileiros, de todos os brasileiros, inclusive daqueles que nunca nem pisaram nem pisarão em uma universidade.

Hoje uma vez mais eu tenho a oportunidade de ser bolsista, agora CAPES/PNPD, para desenvolver minhas atividades de pós-doutoramento. Desfruto do financiamento previsto em políticas de Estado que visam ao desenvolvimento científico do país. Tenho o privilégio de vivenciar, como argumentam Oliveira e Azevedo (2020), um ensino de qualidade com padrão internacional, contribuindo com a produção do conhecimento, já que “As universidades públicas se constituem o principal *locus* da pesquisa e a principal fonte de publicações no Brasil” (OLIVEIRA; AZEVEDO, 2020, p. 604).

No meu caminhar como docente, sempre projeto minha profissão para a sociedade; fazendo o máximo para que meus alunos possam aprender de mim os conteúdos que me cabe ensinar, mas também uma postura como pessoa, em razão de que entendo que o mundo profissional não se separa da vida – assim como Bakhtin (2010) menciona que o mundo teórico tampouco se separa do mundo da vida, de modo que as próprias teorias e seus objetos de estudo não podem ser vistos de maneira estéril. Tudo está relacionado porque o ser é esse relacionar-se com suas vivências, aquilo que o perpassa é conhecimento que reflete e refrata quem ele é, constituído como um mar de outros que cruzaram o seu caminho, em cada interação, em cada texto lido, em cada vivência.

Alargando essa problematização, digo que os alunos não podem ser vistos como apartados dos professores, em uma relação fria que separa conteúdo e gente. Sabemos que o professor é muitas vezes a única referência que uma pessoa tem em relação a alguém que estuda e tem uma profissão com formação universitária. Eu, estudante de escola pública, tive professores que me disseram para não desistir, para sonhar, para acreditar que era possível mudar minha realidade. Eles estavam certos.

Como pesquisadora na pós-graduação *stricto sensu*, tive essa experiência ampliada quando pude conviver com mestres que seguiam humanos e não despersonalizavam o fazer docente e o ser pesquisador. A discussão sobre ser humano

– ou manter a humanidade – é, como coloca Gert (2013, 16), mais do que uma questão filosófica, é uma pauta da educação, já que, em suas palavras, “[...] a educação é sempre a intervenção na vida de alguém; uma intervenção motivada pela ideia de que tornará essa vida, de certo modo, melhor, mais completa [...] e até mais humana”.

Não estou falando de uma perspectiva cuidadora, de paternalismo ou de vocação. Estou falando daqueles profissionais que trabalham com engenho, que exercem essa profissão com precisão teórico-metodológica, com pulso firme e eminência exigente, mas sem perder a humanidade, entendendo que as subjetividades existem e que cada ser é único. Estou falando, por exemplo, daqueles que entendem que o aluno na pós-graduação perambula no limbo entre ser aluno e tornar-se professor; ser aluno e constituir-se pesquisador em uma complexa dinâmica do tipo “caminante, no hay camino, se hace camino al andar” (MACHADO, 1992). Estamos em transição, somos seres em construção, justamente por isso exemplo, apoio e direcionamento significam muito.

O professor sempre vai ser essa ponte com a oportunidade, com o novo, com o devir capaz de mudar a realidade que nos circunscreve. Quem sabe essa imagem exista porque ele é a personificação da educação ou ocupa esse imaginário já que ensina a pensar, a problematizar, a refletir. Transpondo as palavras de Foucault (1998) para o cenário da educação, poderíamos dizer que o professor personifica todo esse universo porque nos mostra que pensar diferente do que pensamos e agir diferente de como agimos é necessário para refletir sobre o mundo e olhar além.

O professor é o excedente de visão, ele é o outro que nos abre a perspectiva. Ele é a personificação da educação como possibilidade, apesar da crise, apesar dos baixos investimentos, apesar da defasagem na estrutura. Por isso, é preciso focar na formação humana, que, conforme Marques, Cordeiro e Ferreira (2023), deve ser parte intrínseca do processo de formação do ser em sua integralidade, o que se contrapõe ao reducionismo e ao individualismo da lógica neoliberal voltada para o mercado.

Vivemos tempos sombrios para a Educação de modo geral e para a carreira de professor de modo específico em razão de questões políticas, sociais e éticas, que envolvem de desrespeito à desvalorização. No entanto, não desanimemos! A educação é uma grande oportunidade – de resgate, de mudança de perspectiva, de abertura de

horizontes. Essa oportunidade existe de maneira ampliada, mas pode ser sentida como uma grande transformação para as classes populares, já que, como postulava Paulo Freire, ela visa nesses casos à emancipação, porque na educação há “[...] esforço de mobilização, organização e capacitação das classes populares; capacitação científica e técnica” (FREIRE, 2005, p. 19).

No Brasil, entendo que quem segue o caminho da pós-graduação sedimenta sua carreira na docência, tendo, portanto, a oportunidade de constituir-se professor-pesquisador, mobilizando ferramentas que aumentam a abstração teórica, que afunilam sua perspectiva de estudos – porque a especificam – e, ao mesmo tempo, enchem o ser professor-pesquisador de subsídios para olhar a sua práxis, para construir sua caminhada amparando-se em teorias e métodos muito mais sofisticados do que os que tinha quando estava na graduação, por exemplo.

Na construção do percurso de aprendizagem, é oportuno sublinhar a importância de olhar para si também como aluno, reviver os anseios, as expectativas, trazendo à memória a excelente sensação de encontrar uma discussão científica rodeada de acolhimento, ganhando força para constituir-se professor-pesquisador, sentindo-se cheio de recursos, cheio de vida – com a potência de agir da qual nos falava Spinoza (2009).

Isso fará com que sejamos professores humanizados, capazes de, pelo afeto, levar à ação, despertar para a atitude. Novikoff e Cavalcanti (2015), citando Deleuze e Parnet (1998), explicam que a educação ocorre por paixão, por admiração, pois:

[...] o estudante só procura o estudo quando está decidido a fazê-lo em função de uma situação concreta, quando é tomado por uma espécie de arrebatamento que o conduz ao estudar. Há sempre uma paixão por um professor, por uma disciplina, por um livro. Estudar não começa na mente, começa na pele. Estudar é enamorar-se, não é uma descoberta por afinidade, nem feita de boa vontade; depende de um encontro com alguma coisa que nos force a pensar, precisa ser produzido, conquistado, desejado em uma sala de aula (NOVIKOFF; CAVALCANTI, 2015, p. 100).

Tudo isso, como bem lembram esses autores, leva-nos a pensar em como se aprende e como se ensina. Eu sublinho que esses polos, o ensinar e o aprender, já estão de alguma maneira conosco, pois tivemos a oportunidade de vivenciar esse duplo ser ao nos formarmos professores e ao seguir caminhando na carreira como professores-

pesquisadores na pós-graduação. Que não nos esqueçamos disso. Que isso nos lembre de tratar os outros como gostaríamos de ser tratados. Que sejamos os professores que gostaríamos de ter encontrado em nossos caminhos de formação.

Nesse sentido, promovo esta ideia a todos os que me leem: motivem seus alunos a buscar oportunidades; motive-se a si mesmo a encontrá-las. Não se deixe levar pelos muitos discursos ouvidos de que não dá, de que pode ser difícil, de que já há muita gente tentando. Pode ser que seja assim, mas também pode ser que seja muito diferente, só vamos saber se estivermos abertos, dispostos e agindo. Cada caso é um caso; somos sujeitos únicos.

5. PARA FINALIZAR

No fechamento deste texto, recorro ao referencial bakhtiniano ([1979] 2011, p. 11) para dizer que “[...] não posso viver do meu próprio acabamento e do acabamento do acontecimento, nem agir; para viver preciso ser inacabado, aberto em mim [...] preciso ainda me antepor axiologicamente a mim mesmo, não coincidir com a minha experiência presente”. Com isso, quero dizer que precisamos estar abertos às oportunidades, sabendo que a relação com o outro nos edifica porque nos oferece os pontos de vista que não temos, aumentando ainda mais as possibilidades de olhar a vida, de edificar-se sujeito.

Como professores, precisamos nos constituir a nós mesmos como possibilidades, possibilidades de inspirar, de motivar, de informar, de compartilhar o que sabemos – ou, pelo menos, de não obstruir nenhum caminho, não matar nenhum sonho. Eu acredito realmente nisso porque penso, com Arendt (2011, p. 196), que atuar na educação é ocupar uma “[...] posição em que decidimos se amamos o mundo o bastante para assumir a responsabilidade por ele e, pela mesma razão, salvá-lo da ruína que, a não ser pela renovação, a não ser pela vinda do novo e dos jovens, seria inevitável”.

Assim sendo, agradeço toda a oportunidade que tive ao longo de minha caminhada acadêmica – tanto na graduação quanto na pós-graduação – porque tive a possibilidade de diálogo, de contraste, de tensão. Tive muitas pessoas que me ofereceram excedentes de visão, ajudando-me a entender meu processo de pesquisa,

meu objeto e as teorias que estudei. Tudo isso contribuiu com minha formação como profissional, como pesquisadora e como pessoa. Espero fazer o mesmo com aqueles que cruzem o meu caminho. Todo dia é uma oportunidade para ver o que não se viu, para pensar o que não se pensou. Todo dia se aprende; formar-se é um processo que não termina nunca.

REFERÊNCIAS

ARENDT, A. A crise na Educação. *In*: Entre o Passado e o Futuro. 7. ed. São Paulo: Perspectiva. 2011. Disponível em: http://www.gestaoescolar.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/otp/hanna_arendt_crise_educacao.pdf. Acesso em: 15 jul. 2022.

AZEVEDO, M. L. N. de. Internacionalização ou transnacionalização da educação superior: entre a formação de um campo social global e um mercado de ensino mundializado. **Crítica Educativa**, [S. l.], v. 1, n. 1, p. p.56–79, 2015. DOI: 10.22476/revcted.v1i1.24. Disponível em: <https://www.criticaeducativa.ufscar.br/index.php/criticaeducativa/article/view/24>. Acesso em: 24 abr. 2024.

BAKHTIN, M. A forma espacial da personagem. *In*: **Estética da criação verbal**. Trad. Paulo Bezerra. 6 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

DELORS, J. *Educação - um tesouro a descobrir*. Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI. 6. ed. 2001. São Paulo: Cortez.

FOUCAULT, M. (1998). **História da sexualidade II: o uso dos prazeres** (M. T. C. Albuquerque, trad.). Rio de Janeiro, RJ: Graal. (Trabalho original publicado em 1984).

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. 29. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

GERT, B. Para além da aprendizagem: educação democrática para um futuro humano. Trad. Rosaura Eichenberg. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

GOMES, M. L. M. Escrita Autobiográfica e História da Educação Matemática. **Bolema**. v. 26 n. 42A (2012). Disponível em: <https://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/bolema/article/view/5800>. Acesso em: 25 abr. 2024.

KRAEMER, S. A educação como resposta responsável: apontamentos sobre o outro como prioridade. *In*: FREITAS, M. T. A (org.). Educação, arte e vida em Bakhtin. São Paulo: Autêntica, 2012.

MACHADO, A. **Proverbios y cantares**. Madrid: El Pais, 1992.

MARQUES, M. M. C.; CORDEIRO, E. de P. B.; FERREIRA, A. L. Educação emocional e formação humana: estado da arte na pós-graduação stricto-sensu brasileira. **Revista Cocar**, [S. l.], v. 19, n. 37, 2023. Disponível em: <https://periodicos.uepa.br/index.php/cocar/article/view/7906>. Acesso em: 24 abr. 2024.

MEDEIROS, E. A. de; AGUIAR, A. L. O. O método (auto)biográfico e de histórias de vida: reflexões teórico-metodológicas a partir da Pesquisa em Educação. **Revista Tempos e Espaços em Educação**, São Cristóvão, v. 11, n. 27, p. 149–166, 2018. DOI: 10.20952/revtee.v11i27.7884. Disponível em: <https://periodicos.ufs.br/revtee/article/view/7884>. Acesso em: 23 abr. 2024.

NOVIKOFF, C. M.; CAVALCANTI, A. de P. Pensar a potência dos afetos na e para a educação. **Conjectura: Filos. Educ.**, Caxias do Sul, v. 20, n. 3, p. 88-107, set./dez. 2015. Disponível em: <http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/conjectura/article/view/3442>. Acesso em: 10 jul. 2022.

OLIVEIRA, J. F. de; AZEVEDO, M. L. N. de. Programas de Pós-Graduação e produção do conhecimento no Brasil: panorama, desafios e perspectivas. **Revista Inter-Ação**, Goiânia, v. 45, n. 3, p. 599–620, 2020. DOI: 10.5216/ia.v45i3.64525. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/interacao/article/view/64525>. Acesso em: 27 abr. 2024.

SPINOZA, B. de. **Ética**. Trad. de Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

Autora

Tamiris Machado Gonçalves

Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Federal da Fronteira Sul (PPGEL/UFFS).